

Teorias de Aprendizagem: Erro de Diagnóstico de um Bloqueio na Aprendizagem

Como é que o erro de diagnóstico de um bloqueio na aprendizagem pode se tornar uma espiral descendente negativa? Os bloqueios podem ter diferentes causas básicas (fisiológicas, neurológicas, psicológicas, sociais e emocionais) que podem com frequência levar a bloqueios adicionais em outros níveis. Pode ser geralmente difícil identificar a verdadeira “causa primária” de um problema porque como profissionais estamos normalmente buscando apenas um tipo de bloqueio e deixamos de pensar em outros.

Relate uma situação de erro de diagnóstico de um bloqueio que você teve contato e explique como o processo de diagnóstico poderia ter sido feito de forma diferente para gerar um melhor resultado. Por exemplo, através da combinação de profissionais ou de um tipo totalmente diferente de profissional com um olhar transdisciplinar.

Augusto (nome fictício) tinha apenas seis anos quando o conheci. Ele não estava frequentando qualquer escola havia algum tempo; tudo parecia amedrontá-lo ou enraivecê-lo. A mãe me relatou posteriormente que ele havia sido inicialmente diagnosticado como autista e depois como sinestésico. Ela nos pediu expressamente para não tocá-lo e não forçá-lo a nada dentro da nossa escola. O caso dele era uma daquelas histórias profundamente tocantes de pavor escolar: em sua primeira experiência com escola, ele havia sido logo rotulado e escanteado. Com isso tornou-se violento e batia tanto na professora quanto em seus colegas, o que lhe rendeu um convite para deixar a escola. Mãe e filho estavam tão traumatizados que frequentar qualquer escola foi item retirado da pauta por um semestre inteiro. Aí, chegaram até a nossa escola, que era uma escola de inglês como língua estrangeira, procurando na verdade por um local que pudesse aceitá-lo.

A professora que o recebeu teve que mediar o processo de aprendizagem para romper com as amarras impostas pela natureza e pelo ambiente. Logo nos ficou claro que “a aprendizagem depende de uma atividade psicológica apropriada e não de uma atividade comportamental” (Clark e Mayer, 2008). Então arregaçamos as mangas e planejamos várias atividades de atenção plena porque sabíamos que tínhamos que “tirá-lo do domínio da patologia para olhar para a interação entre comportamento e ambiente.” (Center for School Success, 2011)

Augusto permaneceu um semestre conosco e notamos que em “um clima de relacionamentos, um aumento persistente na motivação” (Belmonte, 2015) havia retornado. Ele efetivamente queria vir à escola; sua mãe não cabia em si de felicidade. Mas, infelizmente, ele nos deixou pois os profissionais responsáveis pelo seu ‘bem-estar’ decidiram que voltar à escola regular e manter o vínculo com outra escola (de inglês no nosso caso) simultaneamente seria demais para ele.

Augusto já não se sentia só...

Referências

Belmonte, L. T. (2015). [Refining pedagogy with a humanistic psychology of cognitive mediation.](#) (Links to an external site.) (Links to an external site.) *Erdelyi Pszichologiai Szemle= Transylvanian Journal of Psychology*, 16(1), 71.

Center for School Success. (2011). Transdisciplinary Learning Assessment. [video]. 34:02). Retrieved



from [\(Links to an external site.\)](#) (Links to an external site.)

Center for School Success. (2011). Neurodevelopmental framework. Available at <http://www.centerforschoolsuccess.org/about-css/87-css-approach> (Links to an external site.) (Links to an external site.)

Clark, R. C., & Mayer, R. E. (2008). [Learning by viewing versus learning by doing: Evidence-based guidelines for principled learning environments.](#) (Links to an external site.) (Links to an external site.) *Performance Improvement*, 47(9), 5-13.



Neuroeducamente®